



Um passeio pela praça¹

Armando de Oliveira LIMA²
José Ronaldo de Aguiar SALGADO³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

1. APRESENTAÇÃO

Um dos frutos da disciplina Jornalismo de Cidades, que foi vislumbrada e concretizada pelo professor Ronaldo Salgado, orientador deste exercício, “Um passeio pela praça” tenta estabelecer relações (já muito próximas) entre dois gêneros: a crônica e a reportagem.

Fugindo do cerco das convenções de escritas implantadas no jornalismo, busca-se, no texto apresentado, fazer uso de elementos literários e jornalísticos para que convertam sob uma nova perspectiva de linguagem, diretamente inspirado nos escritos do romancista e jornalista carioca Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio, no início do século XX. É um texto que busca valorizar o exercício do olhar, mas do olhar diferenciado, mais precisamente, o exercício do *flâneur*. Como ressalta Ronaldo Salgado, idealizador do termo da Crônica Reporteira:

“É dessa postura [a de *flâneur*] que surge o caráter da **crônica reporteira** (...). A crônica reporteira define-se pela vinculação entre os dois gêneros: crônica e reportagem. É expressão seminal da reportagem, tem espírito de narrativa e está intrinsecamente ligada à rua, que é em um só tempo plural, múltipla e diversa, evidenciada a partir da modernidade”. (SALGADO, 2006: 18, grifo do autor)

É neste *flanerie* pelo centro do centro Fortaleza, em uma das praças mais famosas da capital cearense, a Praça General Tibúrcio ou Praça dos Leões, onde está todo charme e teor histórico dessa cidade, que estão os elementos utilizados para entrelaçar crônica e reportagem: a cidade e seus personagens.

¹ Trabalho submetido ao XXXI Expocom; na categoria B- Jornalismo, modalidade B2 - Produto, subdivisão B 2.4 – Diversional; como representante da Região Nordeste.

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: armando.olima@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFC, email: ronaldosal@ufc.br.



Os bancos, as estátuas, as árvores, as calçadas entre os jardins, os transeuntes por elas espalhados e a história contida em todos são o mote e o significado dos assuntos tratados, são quem fazem do momento aquilo que se vale a pena escutar, refletir e registrar. E essa relação da pessoa com seu espaço é, como fala JOBIM (1992: 41) sobre os escritos de João do Rio, “o toque que dá perenidade aos grandes depoimentos jornalísticos”.

Flânuer por excelência, João do Rio soube como tratar as personagens e o seu Rio de Janeiro de início de século, deixando para a posteridade o registro de uma época. Afinal, “as personagens em jornalismo, são fato”, como afirma BOAS (1996: 64) em seu ensaio sobre a relação entre jornalismo e literatura. E, como fatos, as pessoas são ainda mais relevantes, pois a cidade e a rua se fazem diante dos olhos desses personagens, dessa gente que se aventura no cotidiano e que rege as transformações histórico-sociais. Protagonistas e espectadores daquilo que o repórter necessita para seu trabalho e que são usados em “Um passeio pela praça”, numa perspectiva anticonvencional, diferenciada.

2. OBJETIVOS

Contrariando JOBIM (1992: 48), quando ele fala que “a marca do bom repórter e da verdadeira reportagem” é quando, ao interessar-se “pelo acontecimento, vive-o, respira-o, mas, ao narrá-lo, não se deixa dominar por ele”, o que se pretende neste texto é evidenciar a relação estreita que existe entre reportagem, crônica e cidade expressa diretamente sob as concepções do repórter.

É o fator humano que ressalta da personalidade do repórter que se faz evidenciar na Crônica Reporteira anunciada por Ronaldo Salgado, fundamentado nos escritos de João do Rio. E esse fator humano que se objetiva alcançar neste texto se utiliza das imbricações do Jornalismo com a Literatura. Afinal, como JOBIM (1992:51) aponta:



“O ponto de contato mais visível entre o conteúdo da notícia (ou da reportagem) [Jornalismo] e do conto (ou da novela) [Literatura] é sempre o interesse humano: a descoberta do homem por detrás das coisas, de sua presença através dos acontecimentos”. (JOBIM, 1992: 51)

E, aliado aos esses vetores da sensibilização, da percepção e da observação mais aguçados encarados em “Um passeio pela praça”, é exaltada a importância do conhecimento da cidade, construindo um registro apurado, mas nem objetivo nem imparcial, e sim, sobretudo, subjetivo.

Almeja-se assim, o aperfeiçoamento dos textos jornalísticos, não só no que se refere ao conteúdo, mas ao estilo, à linguagem e a todos os aspectos estruturais do texto. Fazendo muito mais que informar. Mostrando a perspectiva de um homem também envolvido pela cidade que vive e descobre.

3. JUSTIFICATIVA

Diante das transformações sofridas ao longo da história (desde os tempos das folhas circulando pelos países europeus, passando pelas primeiras formulações a respeito gêneros até a industrialização da notícia), o jornalismo se apresenta atualmente com marcas e traços arraigados em uma estrutura engessada, na qual foram estabelecidos verdadeiros paradigmas que amarram a linguagem e restringem as ações do repórter, limitando seu olhar, desvalorizando seu estilo e subestimando sua perspicácia.

Fugir dos modelos pré-definidos, estabelecer uma nova concepção lingüística, estética e que recorre aos intrincados eixos estabelecidos pelo jornalismo e a literatura ao longo do tempo, como fizera João do Rio, é essencial para que se possa ter uma excelência num ofício tão marginalizado e desconsiderado no meio literário, como é o jornalístico.

“O que fez com que esse repórter [João do Rio] ganhasse a posteridade foi, a par de seu talento de escritor, a importância literária que atribuiu ao gênero. Trabalhava para construir com os efêmeros materiais jornalísticos uma obra que durasse, que pudesse ser posta em livro, que não valesse apenas como documentário, mas como obra de arte. Apurando bem, não era senão o escritor que se dava, por inteiro, ao jornalismo, que punha o melhor de sua capacidade criadora a serviço de gênero que os outros homens de letras consideravam como inferior”. (JOBIM, 1992: 51)



É a exemplo do cronista repórter João do Rio que se pretende defender e propor em novos textos esta concepção. E nessa nova dimensão jornalística encarada aqui, a cidade se coloca em cheque, sendo ela o alvo principal do olhar diferenciado do repórter reprimido pelos modelos vigentes nas redações jornalísticas. “A premissa é de que a cidade e a rua são emblemáticas na cultura da modernidade e têm relações intrínsecas com a crônica e a reportagem”. (SALGADO, 2006: 23)

Na presença da cidade refletem-se a história e a contemporaneidade dos assuntos retratados pelo repórter. Mas é diante de uma concepção subjetiva para o fazer jornalismo que se faz necessária a presença da crônica, utilizando-se de artifícios que só ela pode oferecer. A crônica que a todos esses elementos da cidade têm tratado muito bem ao longo dos tempos. “Assim, pode-se inferir que a dimensão da crônica é esgarçada, pontuando o diálogo entre a História, o Jornalismo e a Literatura.” (*Idem*, 2006)

E é com isso que “Um passeio pela praça” se forja, encontrando na Crônica Reporteira o necessário para uma nova perspectiva de atuação do repórter, tendo ele como um “cronista em movimento”, como intitula Salgado (2006: 159).

4. METODOLOGIA

Munido de uma nova concepção de fazer jornalismo e disposto a pô-la em prática, o repórter subverte sua pauta e coloca-se – não só como mediador, mas também como parte do meio – a construir sua visão daquilo que reporta. Nessa construção admitida por “Um passeio pela praça” como fundamento de sua realização, flunar é o verbo que o coloca em ação, pois nele se condensam o ambientar, o passear, o olhar, o conversar e o descobrir.

Na postura de *flâneur*, as entrevistas assumem outra forma, colaborando para o olhar diferenciado. Não há formalidade nas conversas. As abordagens são de maneira mais natural, como um encontro ao acaso entre duas pessoas, desmitificando a relação repórter/entrevistado, pois, assumindo sua parte na construção da realidade, fugindo da imparcialidade de forma consciente, o repórter busca no entrevistado apenas o interesse



humano, aquele lembrado antes por JOBIM (1992: 51) na relação íntima entre jornalismo e literatura.

Nesse encontro, “a experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações”. (MEDINA, 1995: 06)

Além disso, a história narrada nesse texto, que se apresenta como crônica reporteira, há muito do repórter. Pois, na relação que se estabelece entre os dois – entrevistador e entrevistado –, como cita Medina (1995: 07)

“tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível”. (MEDINA, 1995: 07)

Soma-se ainda a essa parceria, a relação de ambos – entrevistador e entrevistado – com a cidade, com a rua, com o espaço no qual vivem e que propicia esta interação.

É fugindo das convenções jornalísticas e propondo outra forma de compreender e fazer jornalismo que se dá a realização prática de *Um passeio pela praça*,

5. REFERÊNCIAS

BOAS, Sergio Vilas. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus Editora, Vol. 52, 1996.

JOBIM, Danton. **Espírito do jornalismo**. São Paulo: Com – Arte: Edusp, 1992.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com - Arte: Edusp, 1990.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. Ática: São Paulo. 1995

SALGADO, Ronaldo. **A crônica reporteira de João do Rio**. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade / Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.